

Grupos questionam legitimidade

Dentro do movimento gay, há os que condenam as propostas do documento oficial a ser discutido na cúpula de Durban e acusam o governo de fazer proselitismo. E nem todos estão de acordo com o representante brasileiro, Cláudio Nascimento.

Integrantes de organizações de homossexuais, lésbicas e travestis reunidos na segunda-feira em Brasília rejeitaram uma secretaria exclusiva para homossexuais e disseram não reconhecer a legitimidade da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT), da

qual Nascimento é secretário de Direitos Humanos.

Beto de Jesus, da Associação da Parada Gay de São Paulo, afirma que uma secretaria exclusiva não resolve o problema, na verdade segregará ainda mais o homossexual, impedindo sua inserção na sociedade como um cidadão comum. "Até o momento, temos sido tratados como cidadãos de segunda categoria", afirma.

Caio Varela, do Instituto Atitude, de Brasília, Célio Golin, do Nunaces, de Porto Alegre, e Lula Ramirez, do Corsa, de São Paulo, criticaram o governo por não

incluir grupos representativos da comunidade homossexual na discussão do documento. "O governo se enganou ao legitimar uma única pessoa diante de um foro internacional e isso vai dar uma idéia equivocada de como se discute e se trabalha a homossexualidade no Brasil", afirma Golin.

Levando cerca de 300 mil pessoas para celebrar o dia do Orgulho Gay, esses grupos afirmam que não há como aceitar uma proposta que não foi discutida com a base. "Ninguém nos perguntou nada, não discutimos uma proposta", diz Varela.